

LÖWY, MICHAEL. FRANZ KAFKA: SONHADOR  
INSUBMISSO. TRAD. GABRIEL COHN. RIO DE  
JANEIRO: AZOUGUE EDITORIAL, 2005.

Fabio Mascaro QUERIDO

*Mestrando em Ciências Sociais, Faculdade de Ciências e Letras, UNESP – Araraquara. Bolsista CNPq, com o projeto Ecossocialismo, romantismo e marxismo: crítica e autocrítica da modernidade em Michael Löwy. Correio eletrônico: fabiomascaro@yahoo.com.br.*

*Crer no progresso não quer dizer que já tenha havido progresso. Isso não seria uma crença*  
Franz Kafka, apud LÖWY, 2005, p.45

Em sua extensa trajetória intelectual, Michael Löwy sempre almejou revitalizar a dimensão radicalmente crítica do marxismo em relação à modernidade capitalista. Reivindicando, de um lado, a crítica lukacsiana da reificação (tal como ela se encontra em *História e Consciência de Classe*), e de outro, a vigorosa rejeição benjaminiana das “ideologias do progresso” (especialmente nas teses “sobre o conceito de história”), Michael Löwy projetou uma busca pela revitalização marxista da “grande recusa” do mundo e da racionalidade modernas. Não por acaso, esta será a tônica de seu recente livro sobre a obra de Franz Kafka, no qual ele articula “uma tentativa de pôr em evidência a dimensão formidavelmente crítica e subversiva da obra de Kafka” (p.12), redescobrimo um Kafka atual, cujas obras estão carregadas daquilo que Walter Benjamin chamava de “tempo-de-agora” (*Jetztzeit*).

Em *Franz Kafka: sonhador insubmisso*, Löwy resgata o “fascinante poder de insubmissão” do autor tcheco, visualizando em sua vida e em sua obra a existência de uma *sensibilidade* profundamente libertária e antiautoritária, ao cabo da qual a dimensão edípiana (de sua revolta contra o pai) se deixa envolver por uma contestação mais ampla da autoridade em geral. Com efeito, a ênfase na dimensão “sócio-política” da interpretação não esgota – ao contrário, a pressupõe – a

tentativa de “articular os outros níveis, graças a um *fio vermelho* que permite ligar a revolta contra o pai, a religião da liberdade (de inspiração judaica heterodoxa) e o protesto (de inspiração libertária) contra o poder mortal dos aparelhos burocráticos: o *antiautoritarismo*” (LÖWY, 2005, p.11). Através dessa leitura, o intelectual franco-brasileiro almejava “arrancar a tradição do conformismo que dela busca se apoderar”, tal como escreve Benjamin na VI tese “sobre o conceito de história”. Daí o apelo de Löwy à dimensão propriamente anti-burocrática de Kafka, levada adiante em sua consistente denúncia do caráter opressivo das “cadeias de papel” do mundo moderno<sup>1</sup>.

Em busca das raízes libertárias de Kafka, Michael Löwy nos mostra como, já em sua juventude, o escritor nascido em Praga manifestava uma grande simpatia por alguns círculos anarquistas tchecos. Não deve surpreender, portanto, o fato de que “sua visão do capitalismo como sistema hierarquizado de dominação aproxima-se do anarquismo, por sua insistência no caráter autoritário do sistema” (LÖWY, 2005, p.28). Como dominação impessoal, o capitalismo é compreendido – em palavras do próprio Kafka - como “um sistema de dependências que vão [...] do alto para baixo e de baixo para baixo para o alto. Tudo é dependente, tudo está encadeado. O capitalismo é um estado do mundo e da alma” (apud LÖWY, 2005, p.29). Conforme Löwy (2005), Kafka alimentava uma espécie de “socialismo romântico de tendência libertária”, marcado por uma desconfiança diante das ideologias do progresso “e da opinião confortável de que a história da civilização moderna é a de uma marcha ininterrupta e irreversível rumo a mais luzes, liberdade e prosperidade” (LÖWY, 2005, p.45). Segundo Kafka, “crer no progresso não quer dizer que já tenha havido progresso. Isso não seria uma crença” (apud LÖWY, 2005, p.45).

Assim, a obra kafkiana contém, desde seus primórdios, um *ethos* profundamente libertário, plasmado por uma recusa categórica de um mundo absolutamente desprovido de liberdade. A civilização moderna é apresentada, nesse sentido, como um mundo “infernai”, um “mundo de mentira” que deveria ser abolido e substituído pela liberdade absoluta, por um “mundo de verdade”. Diz Kafka: “num mundo de mentira, a mentira não é suprimida nem pelo seu contrário, mas apenas por um mundo de verdade” (apud LÖWY, 2005, p.161,162). Em seus vários “momentos” específicos, a obra literária de Kafka “é na maior parte [uma] reação a um poder sem limites”, conforme a afirmação de Adorno (apud LÖWY, 2005, p.60). Evidentemente, isso não significa que a

<sup>1</sup> “As cadeias da humanidade torturada são feitas de papel de escritório”, disse Kafka (apud LÖWY, 2005, p.14).

obra do escritor tcheco pode ser reduzida a uma doutrina política; ao contrário, “Kafka não produz *discursos*, ele cria personagens e situações e exprime, em sua obra, sentimentos, atitudes”. Afinal, complementa Löwy (2005, p.19), “o mundo simbólico da literatura é irreduzível ao mundo discursivo das ideologias; a obra literária não é um *sistema conceitual abstrato*, na trilha das doutrinas filosóficas e políticas, mas criação de um *universo imaginário concreto* de personagens e coisas”.

Segundo Michael Löwy, essa *sensibilidade literária* antiautoritária pode ser percebida em quase todos os romances de Kafka, desde *A carta ao pai* até *O Processo*. Em *América*, especialmente, Kafka volta-se contra “um mundo dominado pelo retorno monótono e circular, pela temporalidade puramente quantitativa do relógio” (LÖWY, 2005, p.76), um mundo caracterizado pela onipresença da dominação nas relações sociais. Com o “sinistro poder das máquinas modernas”, “a autoridade aparece [...] na sua figura mais alienada, mais reificada, enquanto mecânica ‘objetiva’. Fetiche produzido pelos homens, essa coisa os sujeita, os domina e os destrói” (LÖWY, 2005, p.90). A guerra, nesse ínterim, anuncia-se como um imenso confronto entre *máquinas de matar*.

Em *O Processo* e *O Castelo*, com especial ênfase, a crítica kafkiana da autoridade atinge o cerne da autoridade impessoal e hierárquica do Estado, que é compreendido como um mecanismo desumano e mecânico, expressão mais acabada da “máquina burocrática, dos aparelhos, das criações reificadas”, segundo observa Karel Kosik, citado por Löwy (2005, p.95). Todavia, em tais escritos, mesmo a centralidade conferida à autoridade impessoal e hierárquica do aparelho do Estado não elimina completamente o conflito com a tirania paterna; ao contrário, a crítica da dominação paterna é superada dialeticamente (*aufgehoben*) – suprimida-conservada-superada – no contexto de um enfoque mais amplo, decorrente do deslocamento da crítica da autoridade para a sua expressão mais abrangente, qual seja, o Estado moderno. E, como se pode ver em *O Processo*, a crítica atingia duramente não somente os Estados de “exceção”, integralmente totalitários e desprovidos das mínimas liberdades, senão também o próprio “Estado de Direito”. Deste modo, em linha benjaminiana, Löwy afirma que, para Kafka, o esmagamento dos indivíduos pelos aparelhos do Estado constitui a verdadeira regra, e não uma mera exceção extraordinária (LÖWY, 2005, p.113).

Para Michael Löwy, a crítica kafkiana da modernidade situava-se no limiar de um universo cultural socialmente condicionado, amplamente marcado pelas

“afinidades eletivas” entre o messianismo judaico e o romantismo cultural germânico (LÖWY, 1989). Todavia, em Kafka, essa dimensão messiânica encontrava-se quase que plenamente imersa numa *theologia negativa*, de modo que “a redenção messiânica só se manifesta negativamente, por sua ausência radical” (LÖWY, 2005, p.132). Com efeito,

“a ‘teologia’ de Kafka – se esse termo couber – é, pois, negativa num sentido preciso: seu objeto é a não-presença de Deus no mundo e a não-redenção dos homens. Esse oposto, esse *Gegenstück* negativo, manifesta-se tão bem tanto nos romances quanto nos paradoxos que compõem os aforismos” (LÖWY, 2005, p.132).

Em um terreno mais propriamente político, a teologia negativa de Kafka combina-se com uma espécie de “utopia negativa”. “Entre elas – afirma Löwy (2005, p.132) – há uma analogia estrutural forte: nos dois casos, o inverso positivo do mundo estabelecido (utopia libertária ou redenção messiânica) está radicalmente ausente, e é precisamente essa ausência que define a vida dos homens como decaída ou provada de sentido”<sup>2</sup>. A completa ausência de redenção “positiva” combina-se então com a ausência de liberdade no “universo sufocante do arbítrio burocrático” (*ibidem*).

A “inversão negativa” promulgada pelas intuições kafkianas conseguiu *produzir* esteticamente, sob a forma de uma criação artística imaginária, muitos dos indícios daquilo que Michael Löwy denomina “barbárie moderna”, cuja intensidade máxima foi atingida no século XX, com as duas grandes guerras, fascismo, ditaduras militares e por aí vai. Na novela – não por acaso – intitulada *A Colônia Penal*, por exemplo, um soldado “indígena” é sentenciado à morte, no âmbito de uma condenação cuja doutrina jurídica resume a “quintessência do arbítrio”: “a culpabilidade não deve jamais ser colocada em dúvida!” (apud LÖWY, 2000, p.49). O cumprimento de sua execução estaria a cargo de uma máquina de tortura impessoal, figura máxima da reificação burocrática. Esta “máquina de poder”, além de se constituir no personagem central da narrativa, conforma-se como um fim em si mesmo, diante da qual os homens nada mais são do que “um corpo sobre o qual ela possa escrever sua obra-prima estética, sua inscrição sangrenta ilustrada de ‘muitos florilégios e ornamentos’” (LÖWY, 2000, p.49). Redigido em outubro de 1914, ou seja, apenas três meses após a

<sup>2</sup> “A afinidade eletiva subterrânea entre essas duas configurações ‘negativas’ desemboca, aqui, numa convergência íntima que molda a estrutura significativa dos romances: o esmagamento do indivíduo (“como um cão”) ou a denegação soberana da liberdade são o índice preciso da não-redenção do mundo” (LÖWY, 2005, p.133).

eclosão da Primeira Grande Guerra, “há poucos textos na literatura universal que apresentam de maneira tão penetrante a lógica mortífera da barbárie moderna como mecanismo impessoal” (*ibidem*).

Nessa toada, Michael Löwy aposta na idéia de que os escritos de Kafka podem ser compreendidos como um paralelo *estético* – por assim dizer – de um certo “pessimismo” também presente na sociologia de Max Weber, particularmente em sua análise do processo de racionalização e de burocratização das sociedades modernas. Assim, para além das querelas sobre a filiação realista (ou não) da obra do escritor tcheco, Michael Löwy sustenta que os romances kafkianos constituem um aporte fundamental para a captação e para a crítica das malhas burocráticas (e potencialmente totalitárias) do capitalismo moderno, colocando em evidência *estética* um aspecto da realidade reiteradamente ignorado pelas ciências sociais acadêmicas: “a opressão e o absurdo da reificação burocrática tal como são vividos pelas pessoas comuns” (LÖWY, 2005, p.204). Em geral, “a sociologia ou as ciências jurídicas [...] limitaram-se a examinar a máquina burocrática legal ‘por dentro’ ou em relação às elites (do Estado, do capital), detendo-se no seu caráter ‘funcional’ ou ‘disfuncional’, sua ‘racionalidade instrumental’ etc” (LÖWY, 2005, p.204).

Enfim, Michael Löwy percebe em Kafka a existência de um *estado de espírito* antiautoritário que, a partir de sua lógica estética particular, pode servir ainda hoje como um elemento imprescindível para a revitalização da crítica ao feitiço burocrático e totalitário do capitalismo moderno. Ao vasculhar o “inconsciente político” (JAMESON, 1992) subterraneamente presente na obra e na vida de Kafka, Löwy almejou ao mesmo tempo restituir a atualidade do ficcionista tcheco, inserindo-o como uma expressão profícua da crítica da modernidade capitalista, razão pela qual ele trouxe à tona a dimensão “crítica e subversiva” da obra do autor nascido em Praga. E isso, por si só, já garante a importância de um estudo como este. Lê-lo, portanto, constitui mais um imperativo para a compreensão e para crítica das manifestações “kafkianas” que ainda hoje continuam a revelar a verdadeira face das formas de dominação burocrática.

## REFERÊNCIAS

LÖWY, Michael. **Franz Kafka: sonhador insubmisso**. Trad. Gabriel Cohn. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2005.

## RESENHAS

JAMESON, Fredric. **O inconsciente político: a narrativa como ato socialmente simbólico.** Trad. Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Editora Ática, 1992.

LÖWY, Michael. **Redenção e Utopia: o judaísmo libertário na Europa Central.** Trad. Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.